



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

PAUL RICOEUR E A QUESTÃO DA MEMÓRIA E DO RECONHECIMENTO DE SI

Elton Moreira Quadros*
(UESB)

Jorge Miranda de Almeida**
(UESB)

RESUMO

O filósofo francês Paul Ricoeur desenvolve uma profunda análise sobre a categoria da subjetividade ao apresentar o percurso do reconhecimento de si como contraposição à subjetividade cartesiana e hegeliana entendida como consciência de si. Nesse sentido, a busca pela singularidade, compreendida como ipseidade, parte também de uma compreensão da memória que constitui a subjetividade. O reconhecimento de si não se dá sem um reconhecimento mútuo e, por isso, o sujeito só se constitui numa relação dialética consigo mesmo e com o outro. Apresentamos, portanto, a relação entre memória e reconhecimento de si no pensamento de Ricoeur tendo em vista problematizar e aprofundar na questão da subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Reconhecimento de si. Ricoeur. Subjetividade.

INTRODUÇÃO

Em sua obra *A memória, a história, o esquecimento* (2010a), o filósofo francês Paul Ricoeur alertou-nos para a possibilidade de cairmos em um processo de formação de identidade em que a memória e o esquecimento seriam utilizados como mecanismos de controle a serviço do poder:

* Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: eltonquadros@yahoo.com.br.

** Prof. Dr. Titular do DFCH-UESB, professor do Programa de Pós-graduação em Memória: linguagem e sociedade (mestrado e doutorado). E-mail: mirandajma@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A problemática da memória cruzava a da identidade a ponto de com ela se confundir, como em Locke: tudo o que constitui a fragilidade da identidade se revela assim oportunidade de manipulação da memória, principalmente por via ideológica. Por que os abusos da memória são, de saída, abusos do esquecimento? (RICOEUR, 2010, p. 455).

Tendo em vista essa preocupação, que continua atual, e no desejo de compreender melhor os caminhos de enfrentamento de um provável esvaziamento do sujeito singular transformado por meio de processos de subjetivação em um sujeito universal e homogêneo, é que escolhemos a problemática da subjetividade na forma como é elaborada por Ricoeur, por entender que essas reflexões possam contribuir de maneira crucial para uma compreensão da subjetividade em que a memória se mostre como constitutiva desta e não esteja apenas a serviço do poder. Nesse contexto o resgate da importância de estudar com afinco a categoria memória é de fundamental importância do ponto de vista ético, político, social, antropológico para que em seu ser-presente a memória nos mantenha atentos e conscientes, impedindo-nos de vivenciar novamente os horrores da barbárie e do holocausto presentes na Europa, mas também na África, na América Latina e na Ásia. A memória deixa de ser entendida como representação ou retenção, mas o lugar por excelência das vivências de uma experiência memorial como podemos constatar em Péguy “a memória consiste essencialmente em estar dentro do acontecimento, antes de tudo em não sair para permanecer ao remontar no exterior. A memória e a história formam um ângulo reto. A história é paralela ao acontecimento, a memória lhe é central e axial”. (PÉGUY apud BENSUSSAN, 2009, p.69).

Em Ricoeur, nas obras *Percurso do reconhecimento* e *O outro como a si mesmo*, constatamos uma profunda análise sobre a subjetividade, como um componente de oposição ao Cogito cartesiano, ao mesmo tempo que apresenta um percurso para o reconhecimento de si, que passa, necessariamente, pela singularidade, agora compreendida como ipseidade e pela relação do indivíduo



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

com a memória, com o próximo e com e em instituições justas. Quem é o si mesmo? Quem é o outro? Como distinguir o si e o outro? Questões relevantes, porque é uma outra maneira de atualizar a pergunta fundamental da filosofia que diz respeito ao ser do homem e do sentido desse ser. Considerando que o homem só se conhece indiretamente por meio da linguagem, do símbolo, do rito, do mito e da ação.

A ipseidade seria a condição fundamental que caracteriza o sujeito e está no âmbito da linguagem, da ação, da narrativa e, por fim, da ética. Desta maneira, poderíamos pensar e propor, a partir do pensamento de Ricoeur, sobre uma hermenêutica de si que constitui, por sua vez, o alicerce para a edificação de uma identidade pessoal que está relacionada a uma identidade narrativa, que se estabelece na dialética ipseidade e mesmidade (como sou referido pelos outros, os lugares que ocupo, mas que não me fazem), uma ipseidade que se dá numa dimensão ética, em que a existência visa às relações com e para o outro até o engajamento na busca por instituições justas. Nesses termos é preciso percorrer as três questões propostas no capítulo II – Uma fenomenologia do homem capaz (2006). O homem enquanto ipseidade é capaz do que? É capaz de agir. Isso significa “a caracterização da ação pelas capacidades em que elas constituem o efetuar-se, e o desvio da reflexão pelo lado objetual das experiências consideradas” (p.109).

A tese o homem capaz de si que se reconhece em suas capacidades, coloca Ricoeur como um grande estudioso da condição humana, deslocando a discussão do plano teórico e especulativo para a dinâmica ético-existencial. Reconhecer-se em suas capacidades implica também o diálogo incessante entre o si e o si mesmo que ocorre no interior da memória entendida como o presente vivo no interior das contradições de que o homem tem a possibilidade de efetivar.

Mas nada disso tem uma efetivação no reconhecimento de si se não estivermos envolvidos numa sabedoria prática que nos lança à vivência de conflitos, ou, utilizando as palavras do próprio Ricoeur:



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

É nesses caso-limites que a manutenção de si, sinônimo de identidade-ipse, é somente assumida por um sujeito moral que pede para ser considerado o mesmo que esse outro que parece ter se tornado. Mas essa responsabilidade no presente supõe que a responsabilidade das consequências vindouras e a de um passado a respeito do qual o si se reconhece endividado sejam integradas a esse presente não-pontual e de algum modo nele recapituladas (RICOEUR, 1991, p. 344).

Por isso, no plano da subjetividade, não há um sujeito exaltado ou humilhado, mas uma conquista do reconhecimento de si que implica uma “estima de si para a solicitude e esta, para a justiça” (RICOEUR, 1991, p. 345). É importante delimitar que o percurso realizado em direção ao conhecimento e ao reconhecimento de si não significa o retorno às filosofias do sujeito ou a ontologia, pelo contrário, enquanto investiga o homem em sua dimensão ôntica, é possível entender em Ricoeur uma ontologia quebrada, que significa exatamente, a incompletude do ser humano, porque inconcluso, está aberto a diversos caminhos, diversos percursos, diversas trajetórias.

A contribuição de Ricoeur no estudo da problemática da subjetividade nos coloca frente a alguns temas fundamentais, como memória, alteridade e pessoa. A subjetividade está diretamente relacionada entre a constituição da ação e a constituição do si como ele desenvolve no capítulo A identidade pessoal e a identidade narrativa da obra *O si-mesmo como um outro* (1991), bem como no capítulo *Para uma hermenêutica da consciência histórica* da obra *Tempo e narrativa* (2010b, v. III) que colhemos dados para a interpretação da subjetividade.

Duas questões importantes são extraídas da análise de Ricoeur sobre a subjetividade. A primeira é que ele a analisa por meio “de uma filosofia da carne” (RICOEUR, 2010, v. III, p. 392), portanto, trata-se de uma singularidade corpórea limitada por sua temporalidade. Pensar a carne, continua, “a carne, nesse sentido, é o conjunto coerente de meus poderes e de meus não poderes; em torno desse



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sistema dos possíveis carnais, o mundo se desdobra como conjunto de utensilidades rebeldes ou dóceis, de permissões e de obstáculos” (p. 392).

A segunda questão que contribui para pensar a subjetividade em Ricoeur é o esclarecimento entre *mesmidade* e *ipseidade*. A primeira pode ocorrer quantitativa e/ou qualitativamente na definição de identidade. A segunda implica “uma forma de permanência no tempo que não seja redutível à determinação de um substrato” (RICOEUR, 1991, p. 142 – grifos do autor). Na acepção da subjetividade e sua permanência no tempo em uma corporeidade, o distintivo é a emblemática relação “caráter e palavra considerada” (p.143), onde a palavra revela e testemunha ao mesmo tempo a ação (o caráter) do agente, de modo que ocorre uma intervenção da identidade narrativa “na constituição conceitual da identidade pessoal” (p.143). O caráter corresponde então a marca singular que identifica, delimita e singulariza a pessoa, conforme atesta “o caráter, eu diria hoje, designa o conjunto das disposições duráveis com que reconhecemos uma pessoa” (p. 146 – grifos do autor). Poderíamos sugerir que é o caráter que distingue a mesmidade e a ipseidade? É possível o reconhecimento de si no interior da mesmidade? Mesmidade não se coaduna com a homogeneização?

Em uma das passagens mais instigantes da obra, Ricoeur assegura que “o caráter é verdadeiramente ‘o quê’ do ‘quem’. [...] trata-se efetivamente aqui de recobrimento do *quem*? Pelo o *quê*?, o qual faz deslizar da pergunta *quem sou eu?* à pergunta o *que sou eu?*” (p. 148 – grifos do autor). Extraordinária capacidade de demonstrar a inseparabilidade entre o si mesmo e o outro na constituição do si, condição de tornar-se um si mesmo como o outro e para o outro. Para aprofundar essa questão, é preciso perguntar a Ricoeur quem é o quem de que ele descreve? Por quê o quem encerra a alteridade, a assimetria, a reciprocidade e a dissimetria como desenvolve em *O percurso do reconhecimento*?

Ricoeur responde:



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A constituição do fenômeno 'outrem' apresenta então um giro paradoxal: a alteridade de outrem, como toda outra alteridade, se constitui em (*in*) mim e a partir de (*aus*) mim; mas é precisamente como outro que o estranho é constituído como ego para si mesmo, isto é, como um sujeito de experiência a mesmo título que eu, sujeito, capaz de perceber a mim mesmo como pertencendo ao mundo de sua experiência. (RICOEUR, 2006, p. 169)

As categorias memória e promessa são fundamentais para o reconhecimento de si, ou seja, para que o sujeito se constitua nele mesmo. Portanto, ele se constitui entre o lembrar e o cumprir o que prometeu, isto é, "a promessa, dissemos, compromete formalmente porque coloca o locutor na obrigação de fazer; desse modo, confere-se uma dimensão ética à consideração do presente" (RICOEUR 2010, v. III, p. 398), sendo, portanto, o reconhecimento de si um ato ético e a memória uma condição de possibilidade da realização da ipseidade, o que significa também a transposição da análise, explica Ricouer, da análise da promessa do plano ético para o plano político (2010). E como ocorre essa transposição? Ela se dá simplesmente pela consideração do espaço público onde a promessa se inscreve, por isso a conotação política; e ao mesmo tempo adquire a dimensão da ética, pois é sempre a um alguém que se faz a promessa e se testemunha concretizando-a ou se recusa a cumpri-la, quebrando-se as condições da ética.

Ricouer amplia a dimensão da ética da responsabilidade cunhadas por Kierkegaard e Levinas ao inseri-la na dimensão política do espaço público como demonstra na seguinte citação:

A epistemologia do discurso verdadeiro subordina-se, pois, à regra política, ou melhor, cosmopolítica, do discurso verídico. Há portanto uma relação circular entre a responsabilidade pessoal dos locutores que se comprometem por promessa, a dimensão dialogal do pacto de fidelidade em virtude do qual é preciso cumprir as promessas e a dimensão cosmopolita do espaço



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

público gerado pelo pacto social tácito ou virtual. (RICOEUR, 2010, v. III, p. 398).

Ricoeur aponta a definição de Aristóteles no pequeno tratado *De memória e de reminiscência* – “a memória é do passado” – e que será a base de toda a pesquisa sobre a memória realizada pelo filósofo francês. Com a introdução do tempo na memória, Aristóteles, segundo Ricoeur, apresenta o tempo como um transcorrer do passado para o presente. Com isso, ele distingue a capacidade que conserva o passado da reminiscência, compreendida como uma busca voluntária do passado. Assim, a “presença de uma ausência” tem uma dupla possibilidade: de um lado, remete a ela mesma e, por outro lado, apresenta novamente algo já ocorrido no tempo – por exemplo, uma bola remete ao objeto bola e, ao mesmo tempo, a uma bola já conhecida no passado. Algo que também chama a atenção consiste em perceber que, para Aristóteles, a memória está articulada entre a imaginação, o tempo e as afecções (RICOEUR, 2010, p. 36-37).

A relação, ainda no pensamento de Aristóteles, entre a lembrança (tratada por Ricoeur como *mnémé-memória* ou como evocação simples) e a recordação (*anamnésis-reminiscentia* ou esforço de recordação) indicaria, no primeiro caso, aquela “simples presença no espírito de uma imagem do passado concluído” (RICOEUR, 2006, 125), uma imagem que se apresenta ao espírito de maneira passiva. Já a recordação, que tem um caráter ativo, constitui uma luta contra o esquecimento e “é preciso acrescentar a ela o efeito de distanciamento no tempo que dá à recordação o aspecto de uma transposição de uma distância que suscita perguntas do tipo ‘há quanto tempo?’ e expressões como ‘recentemente’, ‘antigamente’” (RICOEUR, 2006, p. 125). Essas expressões que parecem reafirmar uma certa passividade que pertenceria à lembrança revelam, ao fim e ao cabo, um paradoxo, segundo Ricoeur, um paradoxo gramatical: “o passado é ao mesmo tempo o que não é mais o que foi” (RICOEUR, 2010a, p. 126).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Essa espécie de “reconquista do passado”, apontada por Aristóteles, para Ricoeur, terá o seu coroamento no princípio do reconhecimento, na medida em que reconhecer o passado também constitui um reconhecimento de si (RICOEUR, 2010a, p. 127).

Portanto, se o passado está ligado à lembrança, na medida em que imagens do passado vêm a nós, e, ao mesmo tempo, à recordação, uma vez que há por parte do espírito uma atitude de combate em relação ao esquecimento e uma afirmação da temporalidade na diferenciação do passado (antigamente, recentemente etc.), Ricoeur considerará essa a grande contribuição de Aristóteles para o tema da memória, lembrando que ainda é preciso chegar às filosofias do sujeito, especialmente, de Bergson e da fenomenologia, para que a questão do reconhecimento de si encontre o seu pleno desenvolvimento.

Porém, para Ricoeur, precisamos nos lembrar ainda das ideias de Agostinho sobre o sujeito da memória, na obra *Confissões*, uma narrativa em primeira pessoa, dado o seu caráter de descrição de sua própria conversão, em que Agostinho aponta a centralidade do eu: “Agora já não escalo as regiões do firmamento; não meço as distâncias dos astros; não procuro as leis do equilíbrio da Terra; sou eu que me lembro, eu, o meu espírito” (AGOSTINHO, 1973, p. 207). Para Agostinho, a memória é fundamental para o eu, daí a imagem do palácio da memória, somente através da qual temos consciência do esquecimento, pois, como apontava Ricoeur (2006, p. 124), memória e esquecimento sempre estão juntos

E mesmo quando falo do esquecimento e conheço o que pronuncio, como poderia reconhecê-lo, se dele me não lembrasse? Não falo do som desta palavra, mas do objeto que exprime. Se o esquecesse, não me poderia lembrar do que esse som significava. Ora, quando me lembro da memória, esta fica presente a si, por si mesma. Quando me lembro do esquecimento, estão ao mesmo tempo presentes o esquecimento e a memória: a memória que faz com que me recorde, e o esquecimento que lembro (AGOSTINHO, 1973, p. 206).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Ao localizar no próprio “eu” o “quem” lembra, Agostinho chega a afirmar: “chamamos espírito a própria memória” (AGOSTINHO, 1973, p. 205). Como sinal disso, a própria medição do tempo serve como confirmação do caráter interior da memória. Para Agostinho, a memória do homem possui uma grande potência e está repleta de vida.

Segundo Ricoeur, o pensamento moderno, inaugurado por Descartes, introduziu uma compreensão da subjetividade em que o cogito cartesiano apresenta-se como um momento máximo de iluminação interior em que todas as certezas são garantidas pela alavanca arquimediana do “eu”.

Com isso, Ricoeur se interroga: “esse ‘eu’ que duvida, assim desancorado a respeito de todas as indicações espaço-temporais solidárias do próprio corpo, quem é ele?”; e, mais adiante, o próprio Ricoeur responde: “o ‘eu’ que leva a dúvida e que se reflete no Cogito é essencialmente tão metafísico e hiperbólico quanto a própria dúvida o é em relação a todos os seus conteúdos. Não é, para dizer a verdade, ninguém” (RICOEUR, 1991, p. 16).

A dinâmica esboçada por Ricoeur especialmente nos livros *Percurso do Reconhecimento* e *O si-mesmo como um outro*, em que trata das filosofias do sujeito e estabelece uma oposição ao predomínio do Cogito cartesiano que

Pela sua própria obstinação em querer duvidar, testemunha uma vontade de certeza e de verdade – nós não distinguimos entre duas expressões para este estágio – que dá à própria dúvida uma espécie de princípio (...) a vontade de encontrar é o que a motiva e o que eu quero encontrar é a verdade da própria coisa (RICOEUR, 1991, p. 16).

Se o cogito cartesiano introduziu a ideia de um “eu penso” dominador, Ricoeur, ao refletir sobre o cogito e o homem capaz, que é aquele que pode falar, agir, narrar, ser responsável e, além disso, que tem em suas capacidades o poder de lembrar e o poder de prometer (RICOEUR, 2006, p. 123), nos introduz agora numa visão de homem que, além da sua singularidade, está eminentemente em relação.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Por isso, o tema da memória, quando falamos de subjetividade, consiste num ponto crucial para compreendermos o pensamento de Ricoeur.

O entendimento da memória em Ricoeur passa por uma visão ternária, ou seja,

a fenomenologia da memória inicia deliberadamente por uma análise voltada para o objeto de memória, a lembrança que temos diante do espírito; depois, ela atravessa o estágio da busca da lembrança, a anamnésia, da recordação; passa-se, finalmente, da memória dada e exercida à memória refletida, à memória de si mesmo (RICOEUR, 2010a, 17-18).

Esse percurso indica que a memória é constituída também pela lembrança e pela recordação. Ricoeur, ao discutir a memória, fala de uma “presença de uma coisa ausente, marcada pelo selo da anterioridade” (RICOEUR, 2006, p. 18). Uma vez que a memória não é compreendida apenas como uma técnica, mas como uma capacidade de significar e resignificar as coisas, o tempo possibilita o próprio reconhecimento,

A problemática do reconhecimento de si atinge simultaneamente dois pontos culminantes com a memória e a promessa. Uma se volta para o passado, a outra, para o futuro. Mas elas têm de ser pensadas conjuntamente no presente vivo do reconhecimento de si (RICOEUR, 2006, p. 123).

Essa relação entre a memória, que, em princípio, estaria ligada ao passado, e a promessa, que, em princípio, está ligada ao futuro, se dá no presente. A memória funcionaria não somente como momento do lembrar e do recordar ou mesmo do significar, uma vez que está na dimensão do tempo; a memória funciona para reconfigurar o passado, o presente e o próprio futuro.

A concepção de Ricoeur nos coloca numa percepção da memória como uma capacidade de reflexão, de combate ao esquecimento, de combate à manipulação, que são possíveis de acontecer tanto na dimensão religiosa quanto política e, por



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

isso, a memória pode servir para termos uma visão crítica das narrativas do poder, pois

quando potências superiores passam a direcionar a composição da intriga e impõem uma narrativa canônica por meio de intimidação ou de sedução, de medo ou de lisonja. Está em ação aqui uma forma artilosa de esquecimento (RICOEUR, 2010a, p. 455).

Assim, temos uma visão da memória que articula lembrança (algo dado), recordação (algo buscado), presente e significado numa dimensão em que o tempo (compreendido na sua ampla relação passado, presente e futuro) torna-se não um elemento de conservação, mas também uma ação de combate aos maus usos do passado. Para Ricoeur, necessitamos enfrentar as relações entre narrativa e tempo, entre memória e esquecimento (RICOEUR, 2010a, p. 17).

Retomando o caminho fenomenológico da memória, Ricoeur constata que uma das justificativas para o desejo de veracidade da memória está na constatação pura e simples que, de certa maneira, não temos outro recurso para percebermos o passado senão a própria memória.

Mesmo que Ricoeur esboce uma fenomenologia fragmentada da memória (RICOEUR, 2010, p. 41), o fio condutor de sua análise é o tempo e, por isso, será preciso distinguir “a memória como visada e a lembrança como coisa visada” (RICOEUR, 2010, p. 41). Daí, fica evidente a questão do passado, uma vez que, na memória-lembrança, o passado é distinto do presente, fica facultado à reflexão distinguir, no seio do ato de memória, a questão do ‘o que?’ da do ‘como?’ e da do ‘quem?’ (...). Logo, as lembranças seriam os fragmentos do passado, com maior ou menor precisão, enquanto que a memória seria um fundo de imagens que “podemos nos deleitar em estados de devaneio vago” (RICOEUR, 2010, p. 41). A memória, que está sempre no singular, consiste numa capacidade e efetuação e, as lembranças, no plural, consistiriam numa multiplicidade de distinções.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

As imagens percebidas imediatamente na memória permanecem no tempo e, com isso, vão ganhando, na própria consciência, novos matizes e, assim, têm novamente re-significado o valor do tempo.

Dentro da dinâmica do pensamento de Ricoeur, deparamo-nos com o tema do reconhecimento, que está ligado ao reconhecimento de si e ao reconhecimento mútuo. Percebemos que Ricoeur coloca o tema do reconhecimento de si como um momento da dialética memória-promessa, e isso implica uma filosofia do agir, uma vez que, a compreensão da subjetividade se dá, neste contexto, pelo reconhecimento do valor da ação. Isso pode ser observado, quando Ricoeur destaca a importância do “poder de manter a palavra” (RICOEUR, 2006, p. 139).

Portanto, ao abordarmos a subjetividade a partir da perspectiva de Ricoeur, deparamo-nos com a questão ética, que pressupõe a vida, o que significa que o critério de validade está na ação e nunca em ideais abstratos que não são vividos no real.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **Confissões e de magistro**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os pensadores).
- ARISTÓTELES. **Del sentido y lo sensible / De la memoria y el recuerdo**. Trad. Francisco de Samaranch. 1962. Disponível em <www.scribd.com/people/view/3502992>. Acessado em 26 de janeiro de 2010.
- BENSUSSAN, Gérard. **O tempo messiânico. Tempo histórico e tempo vivido**. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2009.
- PLATÃO. **Teeteto-Crátilo**. Belém: EDUFPA, 2001.
- RICOEUR, Paul. **Percursos do reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- _____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010a.
- _____. **O si-mesmo como um outro**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- _____. **O conflito das interpretações**. Porto-Portugal: RÉS, 1988.
- _____. **Tempo e narrativa** (3 volumes). São Paulo: Martins Fontes, 2010b.